

Introdução

Que faz exatamente o analista? Essa é sua pergunta a ele mesmo. Que deve fazer para obrar conforme a essência da psicanálise?

Jacques-Alain Miller, 1992a: 178

Vivemos um momento em que as bancas de revistas mais parecem árvores carregadas de frutos da felicidade. Ao lado de antigas máximas de filósofos pré-socráticos, encontram-se penduradas ali diversas orientações para a vida e também várias propostas terapêuticas: pílulas, meditações, energizações, exercícios físicos transformadores, etc. Esta é uma situação perfeita para lançar um espírito questionador ao trabalho e partimos dela em nossa dissertação, uma vez que apresenta os elementos que participaram de nosso percurso de vida, nele fazendo questão. Assim é que a ciência e a religião permitem classificar a totalidade desses “frutos”, pois podemos encontrá-las suportando de modo explícito ou implícito essas orientações e propostas.

Não é de hoje que se fazem sentir os efeitos do discurso científico sobre os mais diversos aspectos da vida humana, mas, atualmente, em um movimento talvez definitivo, a ciência avança com todas as suas forças sobre o psiquismo para anexá-lo aos seus domínios; reclama-o para si, reclama ser aquela que dirá sobre a sua natureza. Localizando-o no sistema nervoso, complexifica ao máximo o modelo do arco reflexo para dar conta de toda manifestação humana e clinicá-la – no mais das vezes, através de substâncias que regulam as trocas químicas entre os neurônios.

Nessa situação, uma coisa torna-se ponto pacífico: o que existe é o que pode ser detectado por um aparelho, o que pode produzir uma imagem; caso contrário, inexistente, não pode ser considerado como causa de sintomas – em suma, não pode ser levado a sério. E apontar os fracassos da ciência objetivando o seu descrédito é um mau caminho, uma vez que o “ainda não obtido” é a mola mesma que move a sua engrenagem. Esse parece ser mesmo o lema da ciência: “hoje não sabemos, amanhã saberemos”, não havendo para ela o impossível.

Por outro lado, assistimos um incremento na busca pela religião, em um movimento talvez reativo visando preservar isso que não encontra lugar nas áridas formalizações científicas, que é delas expulso por uma questão mesma de princípio¹. Então esse “hoje inexplicável”, enquanto aguarda a sua localização material, pode também ser formulado como uma questão religiosa – e cada um pode recolher seus exemplos de como a causa disso que manca na vida pode ser situada em mundo além. Satisfazemo-nos em citar apenas os termos *karma* e *expição*, dependentes todos da célula imortal da alma.

Nosso percurso, que citamos, iniciou-se no contato com a religião católica cristã, contato realizado tanto pelo simples fato de participarmos de uma cultura ocidental, quanto por uma micro-imersão ocorrida após a primeira comunhão. O domínio do pensamento científico se seguiu a uma relativa queda da religião – pois que não definitiva – e nos levou à graduação em ciência da computação. Uma segunda visita à universidade em virtude do curso de psicologia não significou um retorno às questões humanas da religião, mas bem poderia ter significado, ao contrário, uma continuidade da tendência científica, pois os saberes psicológicos não destoam do que falamos. O próprio aluno de psicologia parece pretender sair do *campus* levando debaixo do braço um manual de procedimentos. Por trás disso está uma forma de ver a experiência, uma epistemologia, que não difere da que acabamos de mostrar: um sujeito pré-determinado por quaisquer parâmetros, de um lado, e uma realidade acolhedora, dada, de outro; os sintomas, aí, são como corpos estranhos que, de alguma forma, vieram atazanar uma harmonia primeva ou prometida e são passíveis de serem eliminados. Esse quadro se arrasta desde os finais do século XIX, desde a constituição da psicologia como uma ciência estreitamente ligada à ideia da existência de fatos mentais e de leis que os governariam: fatos que comporiam uma realidade mental acessível à observação como a realidade física e que, assim como esta, estaria submetida ao determinismo da natureza (Cf. BLANCHÉ, 1934).

¹ “Há uma necessidade cada vez mais premente de distinguir do corpo-máquina a alma – uma célula fundamental de energia vital que não se deixa apreender ou manusear” (VIEIRA, 2008: 50-51).

Mas essa não foi a consequência do nosso retorno; ali pela primeira vez travamos contato com a psicanálise, uma teoria que se mostrou diversa. Podemos dizer: apesar de tudo isso, a psicanálise.

A posição que esta ocupa no mundo dos saberes psicológicos é muito controversa. Se por um lado coleciona atestados de óbito lavrados pelas mais questionáveis fontes, por outro diversas práticas se dizem “de orientação psicanalítica”. Esquartejada, alguns termos seus foram tomados de empréstimo e utilizados para avaliar causas particulares, para se chegar aonde se queria. Outros foram entendidos em sua significação comum no léxico e damos como exemplo a interpretação, vista como uma simples tradução do dito ou um aconselhamento quando não é acusada de ser um exercício de poder do analista sobre o paciente ou de uma fala suportada apenas por algum dom oculto do interlocutor. Assim, a psicanálise acaba sendo posta, conforme seja cômodo para a crítica, na mesma fileira dos que praticam a ortopedia da palavra amparados em uma ciência – os especialistas – ou na dos que se amparam no bom senso ou em alguma ideia esotérica – comumente acusados de empulhação ou de prática religiosa. Ainda acontece de os trabalhos pré-psicanalíticos de Freud e aquele que ele mesmo não publicou ² serem utilizados para justamente validar asserções atuais das neurociências contra a própria psicanálise. Eis exemplos de como os princípios desse “estranho vírus” permanecem, assim, velados.

Então, podemos dizer: a psicanálise, uma desconhecida. Tendo apresentado o inconsciente, a psicanálise acrescentou uma terceira causa para os sintomas, não pensada até então e não redutível às demais. Essa novidade deu origem a um proceder analítico indissociável³ de uma epistemologia que coloca a proposta da psicanálise, de Freud a Lacan – ou com Lacan –, ao lado dos outros discursos vigentes, como uma alternativa para o tratamento do mal estar atual. É importante frisar que, colocando as coisas desse modo, não tomamos partido na disputa que visa a determinar qual desses discursos mantém uma relação mais próxima com o real ou qual descreve as coisas como elas *realmente* são. A

² Nos referimos ao *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1950[1895]).

³ “Não se pode deixar de pensar que a teoria da psicanálise, e ao mesmo tempo sua técnica, que não formam mais que uma única e mesma coisa [...]” (LACAN, 1953a: 14).

sobrevivência desses discursos, a sua “utilização” no presente, basta-nos como prova do valor de cada um deles.

Consideramos razoável pensar que cada discurso, pensamento ou disciplina que tome como objeto o homem define, explicita ou implicitamente, uma experiência, definindo o sujeito sobre o qual pretendem atuar e também o que entendem por objeto. A psicanálise apresenta a sua própria experiência, aquela tornada acessível pela invenção do dispositivo analítico. Mas se Freud não chegou a formalizar os polos dessa experiência, Jacques Lacan, relendo a obra do primeiro, o fez explicitamente.

Uma psicanálise faz-se através de uma série de encontros chamados sessões. Espera-se do paciente que compareça regularmente, fale e pague. Do analista, espera-se que realize intervenções nessas falas. A intervenção ficou conhecida como *interpretação*, que se pensou ter como objetivo o deslocamento ou mesmo a eliminação dos sintomas. A prática mostrou que fracassou a pretensão da interpretação em ser a única ferramenta do analista, que esta encontrou um limite, e a psicanálise, um impasse. Basicamente foi uma questão de determinar se a série de sessões é uma série finita ou infinita (Cf. FREUD, 1937a). Foi com esse pano de fundo que Freud nos disse que:

[...] o trabalho de análise consiste em duas partes inteiramente diferentes [...]. Todos nós sabemos que a pessoa que está sendo analisada tem que ser induzida a recordar algo que foi por ela experimentado e recalcado [...]. “Sua tarefa [do analista] é a de completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, construí-lo” (1937b: 276).

Utilizamos essa citação, que antecipa muitos termos, para mostrar que no rol do “fazer” do psicanalista passaram a existir duas operações: a *construção* somou-se à *interpretação*.

Após essa longa e necessária digressão, podemos então revelar nosso objetivo: *mostrar que através do modo como define os conceitos de sujeito (\$) e objeto (a) Jacques Lacan resume o que há de mais radical nas operações de interpretação e de construção freudianas. Ou seja, intentamos mostrar que com esses dois conceitos Lacan cria uma epistemologia capaz de formalizar o funcionamento da interpretação, localizar seus impasses, seus limites, e justificar a necessidade da construção em psicanálise, dizendo também o que está em jogo*

nesta. Após, procuramos mostrar a insuficiência da relação de simples oposição com as quais apresentamos esses termos para superá-la através de uma relação quaternária – de implicação recíproca e de conjunção-disjunção – que, subvertendo as referências espaciais e temporais usuais, se mostra mais afeita a dar conta da experiência analítica.

Mas esse objetivo será alcançado de maneira especial.

Se insistimos até aqui na especificidade da psicanálise, isso não implica em desconsiderar o que da ciência e da religião ela possa ter tomado de empréstimo: nem ciência, nem religião, a psicanálise foi no entanto colocada “entre” elas por Jacques Lacan em seu décimo primeiro seminário (1964). Queremos chamar a atenção para o que da ciência a psicanálise aproveitou.

Na aurora do século passado Freud trouxe ao mundo o inconsciente como causa dos sintomas. Sem tomar esta causa como *natural* – envolvendo, p.ex., trocas neuroquímicas – nem como *sobrenatural* – como um plano além-matéria influenciando o destino, Freud passou ao largo do dualismo corpo-alma. Descreveu esta estranha entidade valendo-se de uma linguagem que, se por um lado foi merecidamente premiada pelo estilo, manteve boa parte de seus leitores reféns de suas ilustrações, imagens, enfim, as metáforas das quais lançou mão. O resultado, segundo Jacques Lacan, foi desastroso: o texto foi lido sem malícia, as metáforas tomadas como a própria coisa; o inconsciente foi reduzido a um saco onde se escondia um saber como historinha ou tendências biológicas à espera de emergirem à luz da consciência (LACAN, 1957: 513). Entendido a partir de coordenadas já conhecidas, a novidade que veiculava e sua virulência foram anuladas⁴.

Em sua tentativa de reverter esse quadro, Lacan buscou uma linguagem mais afeita a transmitir a peculiar natureza do inconsciente, e para isso recorreu aos mais diversos saberes. Em meio a estes, espanta ver a matemática sendo utilizada para ajudar os psicanalistas a retomarem o rumo, a entenderem o *do que*

⁴ Cf. nesse sentido, Lacan, sobre a situação da psicanálise em sua época, p.ex., “[...], a vulgaridade dos conceitos a que sua prática recorre, os alinhavos do pseudofreudismo que nela já não passam de ornamento, e ainda o que convém chamar de descrédito em que ela prospera, atestam em conjunto sua [da psicanálise] renegação fundamental” (LACAN, 1957: 532). Essa renegação levou Lacan a marcar a diferença entre o inconsciente e tudo aquilo que pudesse ser posto na conta de um instinto, de algo arcaico ou primevo em nós, ou de uma fase em um suposto desenvolvimento psíquico (LACAN, 1964: 844-845).

*se trata na psicanálise*⁵. Impossível perceber seu valor nesse contexto se nos atemos ferrenhamente à oposição entre ciências exatas e humanas: afinal, como isso de que a teoria psicanalítica cuida, nosso grão mais subjetivo, que se apresenta como a vida quando ela parece não querer caber na vida que se leva pode ter a ver com uma matéria para a qual tudo parece ser tão pão-pão, queijo-queijo?⁶

Queremos então lançar mão desse “suporte inesperado” – o do cálculo – e exemplificá-lo. Completamos então o nosso objetivo: *as definições de sujeito e de objeto dadas pela psicanálise serão elucidadas através daquelas que se utilizam dos recursos da matemática*.

Em seu ensino, Lacan sublinhou que não surpreende a muitos – nem aos psicanalistas – o fato de a psicanálise produzir seus efeitos peculiares sendo uma prática que transcorre somente em palavras a ponto de isso gerar um questionamento acerca da natureza das mesmas; ao contrário, esse questionamento é evitado (LACAN, 1953a: 18). Comparável desinteresse em relação ao elemento básico do ganha-pão foi captado entre os seus pelo matemático Johann Gottlob Frege: “não é vergonhoso para a ciência estar tão pouco esclarecida acerca de seu objeto mais próximo, e aparentemente tão simples?” ([1884]: 88). Esses questionamentos acerca da real natureza dos *building blocks* da psicanálise e da matemática – ou seja, as palavras e os números –, nos sugeriu o percurso do primeiro capítulo, onde procuramos *elucidar o sujeito da psicanálise aproximando-o do zero*. Para isso, delimitamos o surgimento do zero e sua posição em relação ao desenvolvimento histórico da notação matemática, segundo Kaplan (2001), e em relação à revolução científica do século XVII, segundo Koyré (1982); interrogamos a natureza do número através do esforço de Frege ([1884]) em dar-lhe uma definição lógica, em especial a do zero e do um, apoiando-nos também em Russell (2007) para referência a conceitos básicos da matemática; e examinamos a concepção do funcionamento da linguagem e da fala compatível com a experiência analítica.

⁵ “É de uma iniciação nos métodos do linguista, do historiador, e diria eu, do matemático que se deve tratar agora, para que uma nova geração de clínicos resgate o sentido da experiência freudiana e seu motor” (LACAN, 1955: 436).

⁶ Ou, como colocou Nathalie Charraud (1997: 5), “como a rainha das ciências, modelo e farol do rigor e da objetividade através do tempo, poderia aliar-se a uma disciplina que se interessa pelas paixões e os dramas subjetivos marcados pela história e a singularidade?”.

No primeiro interlúdio realizamos uma passagem do tema do sujeito ao tema do objeto, apontando aspectos da experiência que ficavam de certa forma insolúveis com uma teorização que levava em conta somente o sujeito ou o sujeito articulado a outras concepções de objeto que não esta que aqui apresentamos.

O segundo capítulo tenta elucidar a noção de objeto *a* através de uma “ontologia” matemática, traçando um paralelo entre ele e o excesso e o excrescente assim como proposto por Badiou (1996). A equivalência entre ontologia e matemática nos oferece uma ótima ferramenta para descrever esse objeto que foi definido como “o ser do sujeito” – desde que seja entendido aqui que a única relação que esse objeto mantém com qualquer tipo de essência é a de semelhante. Através da ajuda de Dedekind (1901) e novamente de Russell (2007), procuramos fornecer um substrato matemático à aproximação feita por Lacan entre o objeto *a* e o número irracional.

Em um segundo interlúdio, nos valem de um exemplo dado por Regnault (2008) – aquele que toma o judeu como o objeto do ocidente e o judaísmo como o objeto do judeu – para examinar a relação sujeito-objeto *a* como uma relação quaternária que supera uma relação equacionada como de simples oposição.

No terceiro capítulo visitamos os primórdios da técnica analítica, sua validação pela extensão ao fenômeno dos sonhos; buscamos as bases da operação da interpretação no texto *princeps* sobre o assunto, assim como em textos posteriores que versem sobre a técnica; acompanhamos as razões da crise da interpretação através de textos freudianos tardios como *Análise terminável e interminável* (1937b) e *Construções em análise* (1937a), expondo as razões que levaram Freud a apresentar a operação de construção como “complementar”, valendo-nos também das leituras que desses textos realizou Miller (1994 e 1996). O “funcionamento” da interpretação e da construção são elucidados através de sua articulação com as definições de sujeito e objeto, sendo abordados os aspectos temporais da experiência analítica – a surpresa e a repetição, o novo e o velho – bem como a solução que Lacan propõe para o final de análise. Da mesma forma como realizamos com o sujeito, superamos a simples oposição interpretação-construção para apresentá-las como envolvidas em uma relação quaternária.

Por fim, uma pequena conclusão.

Com esse percurso esperamos que possa ser vislumbrada a especificidade da psicanálise, possa esta ser diferenciada das outras práticas e ver justificada a sua existência como um discurso autônomo e rigoroso, pela revelação das entranhas – ou da lógica – da experiência do humano assim como Lacan nos mostra que Freud capturou em sua obra. Mais para nós próprios, psicanalistas, do que para os leigos, afim de que possamos nos manter na via inaugurada por Sigmund Freud. Sem desvios.